

IMPLICAÇÕES E BARREIRAS NA UTILIZAÇÃO DA LEITURA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Marilza Borges Arantes¹

Resumo: Esta pesquisa compôs-se de um breve estudo sobre a leitura na formação acadêmica, suas implicações e barreiras, tomando por base a concepção de leitura como além da codificação, para uma leitura compreensiva. Para isso, discutiu-se como se processa a leitura, qual o papel dos gêneros textuais na formação leitora dos acadêmicos, quais gêneros estão mais presentes na leitura acadêmica, bem como o papel do aluno na recepção dos textos. Como suporte à leitura e conseqüentemente ao aprendizado do aluno, verificou-se também a ação do professor no processo de ensino e condução da leitura acadêmica. Com a pesquisa, obteve-se que a dificuldade de leitura dos acadêmicos, sobretudo, está ligada à falta da prática da leitura, à leitura fragmentadas, fatores que interferem na competência leitora necessária para a recepção dos textos científicos trabalhados nas disciplinas curriculares do primeiro período universitário.

Palavras-chave: Leitura; formação leitora; textos acadêmicos.

Introdução

As dificuldades de leitura dos acadêmicos ingressantes no curso superior é um dos principais fatores que impedem o desenvolvimento e apreensão dos conteúdos de todas as disciplinas curriculares, imprescindíveis para assimilação do conhecimento científico necessário à formação profissional. Nessa perspectiva, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar o processo de leitura dos acadêmicos, tendo em vista a dificuldade de compreensão dos gêneros em uso, com o propósito de sugerir estratégias para minimização desse problema.

Referencial teórico

1.1. O processamento da leitura

O desenvolvimento da capacidade de leitura está estreitamente ligado ao conhecimento do leitor. Para que a leitura ocorra, segundo Koch (1988), são necessários ao leitor, três conhecimentos: o linguístico, o de mundo e o interacional. O conhecimento linguístico diz respeito ao conhecimento gramatical e vocabular que conduzem o leitor na organização do pensamento frente às estruturas sintáticas e semânticas de um texto. O conhecimento de mundo é formado pelo conjunto de informações que o leitor acumula ao longo do tempo, adquiridas no convívio familiar e social em relação aos fatos e episódios da vida cotidiana. Kleiman (1989) denomina esse conhecimento de prévio, que “o leitor possui e utiliza na hora de compreender um texto qualquer. Isto significa que, para ler, o leitor utiliza o que já sabe, um conhecimento adquirido ao longo de sua vida” (1998, p. 77). Já o conhecimento interacional diz respeito às ações verbais dentro do texto que torna possível ao leitor identificar os objetivos do autor assim como a intenção do texto, estão assim, intrinsecamente ligados à capacidade de identificar a organização composicional do texto e o seu funcionamento.

Nessa perspectiva, a leitura processa-se no nível cognitivo, construído na superfície textual e na superfície profunda, dos conhecimentos “por trás do texto”, vindos da bagagem depositada pelo leitor na sua memória de informações.

¹ Mestre em Linguística (UFU); Pós-Graduações “Lato Sensu”: Especialização em Linguística Aplicada: Fundamentos e Perspectiva para o Ensino (UFU). E-mail: marilzaborgesarantes@yahoo.com.br.

Para Kleiman (1989), as diferentes experiências de leitura tornam o leitor competente, possibilitando-lhe, ao ler um texto, perceber os objetivos do autor, a função comunicativa do texto, o que caracteriza o seu gênero textual.. Como afirma Kleiman “o leitor experiente não decodifica ele percebe as palavras globalmente e adivinha muitas outras, guiado por seu conhecimento prévio e por suas hipóteses de leitura” (1989, p. 37).

1.2. Os gêneros textuais e a leitura na universidade

A universidade tem como uma das mais importantes funções a formação de cidadãos críticos para tratar dos mais diferentes assuntos na sociedade, sendo, para isso, fator preponderante, a formação dos acadêmicos como leitores em potencial. Essa possibilidade de atuar em diferentes assuntos leva à urgência de se ler diversos gêneros textuais uma vez que esses se formatam nas diferentes instâncias da sociedade.

Segundo Bakhtin (1997), três elementos são responsáveis pela construção de um gênero: o conteúdo temático, o estilo verbal e a construção composicional. O conteúdo temático diz respeito à temática tratada no ato enunciativo, ou seja, o tema, o assunto tratado para que se estabeleçam o estilo verbal, que caracteriza o padrão da linguagem empregada, as escolhas lexicais e os recursos gramaticais da língua, a organização sintática. Ligado à temática e ao estilo verbal está a construção composicional responsável pela estrutura do texto, formalmente estabelecida por critérios definidos pela intenção comunicativa.

Ao que se refere à esfera acadêmica, destacam-se alguns gêneros mais usados: a resenha, o resumo, o artigo científico, os textos didático-científicos, a monografia, cujas estruturas composicionais o acadêmico precisa dominar, possibilitando-lhe uma leitura compreensiva.

A resenha crítica tem a finalidade de analisar, descrever, comentar e enumerar aspectos relevantes do objeto de estudo que pode ser um livro, um artigo, um filme, até mesmo uma aula, devendo ser o objetivo do acadêmico, descrever o assunto tratado, evidenciando seu parecer, sua crítica em torno do conteúdo apreendido.

O artigo científico objetiva informar o acadêmico de determinado conteúdo à luz de teorias das ciências exatas, humanas, biológicas e tecnológicas de estudiosos de cada área específica.

O resumo, gênero bastante trabalhado na educação superior, leva o acadêmico a uma apreciação sucinta dos conteúdos em estudo, conduzindo-o ao exercício de análise e síntese importante para o seu desenvolvimento cognitivo nas diferentes áreas de estudo.

O texto didático-científico objetiva expor ao acadêmico, pela metalinguagem, a estruturação didática de conteúdos específicos de cada componente curricular.

O trabalho monográfico requer do aluno a capacidade leitora solidificada para que possa assimilar o conteúdo do objeto de estudo.

O domínio do discente por meio da leitura compreensiva desses gêneros básicos da esfera universitária é fundamental para o seu desenvolvimento cultural e cognitivo.

1.3. O acadêmico e a leitura

Ao chegar à universidade, a maioria dos alunos não apresenta a competência leitora necessária para a apreensão dos diferentes textos a serem estudados. Isso ocorre devido aos vícios de uma leitura mecanizada, no nível da decodificação e, sobretudo, à falta da prática da leitura, o que os leva à dificuldade de compreensão e articulação das informações, a serem capazes de fazer inferências, de sintetizar e analisar as ideias de um texto.

Witter diz que “certamente as contingências de vida anterior ao ingresso na Universidade, o nível de desempenho em leitura com que nela ingressa e as condições atuais de vida do estudante são variáveis que influenciam na leitura do universitário”. (WITTER, 1997, p. 11).

Também a relação ensino-aprendizagem necessita ser analisada no processo de leitura nas instituições de ensino superior. A prática de leituras fragmentadas de capítulos de livros, sem “adentramento” (Freire, 2006), torna-se cada vez mais presente nas propostas de ensino levando a uma assimilação também fragmentada do objeto de estudo.

Em relação às diferentes práticas, ratifica-se a fala de Tourinho (2011):

[...] faz-se mister que os professores das instituições de Ensino Superior tenham consciência do potencial transformador de cada uma de suas disciplinas para que, através delas, se possa vislumbrar o leque de possibilidades necessário para que seus alunos sejam os principais agentes do processo de leitura, interpretação e ação social, colocando-os na condição de prolongamento das ideias do autor, numa perfeita sintonia, fazendo da leitura um fato argumentativo e sincrônico (TOURINHO, 2011, p. 343)

Assim, cabe ao professor aplicar atividades de leitura que levem o acadêmico à interação com o discurso do autor, buscando assim uma leitura compreensiva.

Estudo de aplicação: análise e discussão dos resultados

Os resultados dizem respeito à pesquisa de campo realizada por meio de questionário, com 10 (dez) questões, aplicado a 50 (cinquenta) acadêmicos de primeiros períodos de 5 (cinco) cursos da Faculdade Santa Rita de Cássia da cidade de Itumbiara-GO, e questionário com 5 (cinco) questões, aplicado a 15 (quinze) professores de 5 (cinco) cursos, os mesmos dos alunos, cujos dados foram tabulados e descritos por meio de análise interpretativista.

1.4. Análise dos coletados na pesquisa aplicada aos alunos

Em relação à idade dos informantes, verificou-se uma clientela relativamente jovem, numa proporção equilibrada entre homens (42%) e mulheres (58%). Também o fator idade, ao apresentar índice de um público jovem, concilia-se com o fato de um número significativo (46%) ter terminado o ensino médio no ano anterior, denotando como positivo esse ingresso imediatamente no curso superior.

De encontro às ideias de Witter (1999), que afirma terem os alunos ingressantes na universidade muita dificuldade de assimilar diferentes conteúdos e não ter, assim, um bom desempenho satisfatório de compreensão dos textos, estão os números dos resultados que apontaram, como já dito anteriormente, um nível de pouca (36%) ou razoável (48%) dificuldade de leitura dos acadêmicos. Esses dados, relativamente surpreendentes, deixam implícita a ideia de que alguns acadêmicos não têm a dimensão exata das suas dificuldades de leitura e da interferência disso na sua aprendizagem.

Em se tratando dos elementos preponderantes que levam à dificuldade de recepção de um texto, destacam-se a falta da prática da leitura (36%) e o vocabulário de textos mais complexos (58%). Em relação ao vocabulário, esse está intrinsecamente subsidiado pelo número de leituras realizadas.

Quanto à frequência de leituras extraescolares, os dados mostram uma diferença significativa entre os que têm (44%) e os que não têm essa prática (56%), tornam isso um empecilho para adquirir uma experiência leitora satisfatória.

Em relação à preferência de leitura, evidenciou-se a busca do acadêmico por leituras puramente informativas (48%), factuais, recreativas (10%) e literárias (30%), desprezando assim, as leituras científicas (12%) tão necessárias e frequentes nos gêneros acadêmicos propostos pelos docentes.

Sobre a leitura de livros, o número de obras lidas no ano perfaz uma média de apenas uma a três (60%), mostra ainda um baixo nível de leitura de obras completas, levando a refletir sobre a necessidade de mudar a prática pedagógica de leituras fragmentadas de capítulos de livros para os estudos científicos com a leitura e análise de obras completas.

Ainda sobre a leitura de obras por ano, ressaltou-se o percentual expressivo (18%) de alunos que nunca leram um livro por completo, fator preponderante para a leitura compreensiva de textos, para adquirir a habilidade e competência da análise e síntese exigidas para ler e elaborar os diferentes gêneros acadêmicos.

Em relação aos instrumentos, os suportes de leitura, o computador destacou-se (78%), sobressaindo aos recursos impressos, jornais, revistas (22 %), denotando-se a necessidade de uso das TICs nas propostas de ensino.

Com igual destaque, conciliado a esses dados de uso do computador, está o acesso ao *whatsapp* (66%), delineando a escolha de leituras rápidas, para comunicação e entretenimento. Já os sites de informação, que oferecem possibilidades de leituras mais profundas, ocupam apenas dezoito por cento das escolhas.

1.5. Análise dos dados coletados na pesquisa aplicada aos professores

Os professores (80%) apontaram significativamente que os acadêmicos apresentam muita dificuldade de leitura compreensiva e isso, conforme outro dado, unanimemente apontado pelos docentes (100%), ocorre devido à falta da prática da leitura.

Em relação à estratégia usada para motivar o aluno para a leitura, a maioria (80%) dos professores disse que motiva seus alunos por meio de uma antecipação sobre o assunto a ser tratado e os respectivos autores tomados para estudo. Estratégia válida que não exige o acadêmico de realizar uma leitura, na íntegra, do texto a ser estudado, possibilitando-lhe um “feedback” durante as exposições e discussões com o professor.

Como recurso metodológico para desenvolver a leitura compreensiva pelos alunos, a maioria dos docentes (66%) apontou a leitura compartilhada. Recurso também válido, mas, em se tratando de curso superior, não pode se limitar as propostas pedagógicas de leitura somente a ela.

Por último, sobre a proficiência leitora do docente, percebe-se que há uma diferença significativa em relação ao número de livros lidos por ele durante o ano, de três a cinco (46%), em relação ao número lido pelo aluno, mas não é uma marca expressiva, tendo em vista a responsabilidade do professor de ser agente motivador para que o acadêmico leia mais.

Considerações finais

Por meio desse estudo, concluiu-se que a leitura é um processo cognitivo que tem como agentes, de um lado o autor, do outro o leitor, e entre eles, o texto, sendo a compreensão deste de responsabilidade do acadêmico. Ao leitor, ao acadêmico, cabe a responsabilidade de ativar os seus conhecimentos linguístico, interacional e de mundo para realizar uma leitura compreensiva do texto, sendo fundamental, para isso, as suas experiências de leitura. Como fator preponderante para que essas experiências se tornem efetivas, está à prática da leitura, ainda não satisfatória, conforme apontado na pesquisa, assim como as práticas e estratégias de leitura de gêneros acadêmicos propostas pelos docentes.

Outro dado a ser ratificado diz respeito à necessidade de o acadêmico ampliar a leitura de obras completas, pois a leitura fragmentada, como tem sido frequentemente proposta pelos docentes para o estudo dos conteúdos curriculares, não leva à apreensão consistente do conhecimento e também não possibilita desenvolver com competência as habilidades de análise e síntese, fundamentais para uma leitura compreensiva dos gêneros acadêmicos.

Referências

ALVES, A. L. M. S. Leitura e Universidade: comportamento de leitura na formação do pedagogo da UFPA. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO/V CONGRESSO LUSOBRASILEIRO/I COLÓQUIO IBERO-AMERICANO, 23. Porto Alegre. Por uma Escola de Qualidade para Todos. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS/FEFED/PPGEDU, 2007. v. 1. p. 1-15

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. [Original publicado em 1953]

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. 47. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KLEIMAN, A. *Texto e Leitor: aspectos cognitivos da literatura*. 2. ed. São Paulo: Pontes, 1989.

KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTINS, M. H. *O que é leitura*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORLANDI, E. P. *A leitura e os leitores*. Campinas-SP: Pontes, 1998.

TOURINHO, C. Refletindo sobre a dificuldade de leitura em alunos do ensino superior: “deficiência” ou simples falta de hábito? *Revista Lugares de Educação*, Bananeiras/PB, v. 1, n. 2, p. 325-346, jul.-dez. 2011. ISSN 2237-1451. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rle>>. Acesso em: 20 de abril de 2017.

SILVA, E. M. T. Leitura e escrita na universidade. In: WITTER, G. (Org.). *Leitura e psicologia*. Campinas-SP: Alínea, 2004.

SILVA, E. T. *O Ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

WITTER, G. (Org.). *Leitura e universidade*. Campinas-SP: Alínea, 1997.